

COTIDIANO DA ESCOLA

DIFERENTES MODOS DE BRINCAR NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gabriela Medeiros Nogueira*

Observar as brincadeiras organizadas pelas crianças no pátio da escola possibilita identificar acordos feitos e desfeitos entre elas, especialmente na disputa de quem ‘comanda’ a brincadeira, assim como a aceitação ou não de novos integrantes no grupo. Essas e outras formas de organização revelam elementos fundamentais da cultura de pares, que constituem a cultura da infância.

Este texto apresenta dados de uma pesquisa que teve por objetivo identificar os modos de brincar das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de Pelotas, RS. Em 30 de novembro de 2010, as crianças foram para o pátio da escola com bola, bambolê e corda. Dispersas por diferentes lugares no pátio, as crianças brincaram em grupos, que variaram de dois a seis componentes, sendo que essa composição foi sendo alterada no decorrer das brincadeiras.

Dentre as situações de brincadeira observadas, uma em especial se destaca, devido à participação de várias crianças. Durante vinte e seis minutos, um grupo de meninas permaneceu envolvido na organização de uma apresentação de dança com bambolê. A observação dessa situação possibilitou identificar a forma como as crianças negociaram as regras e os procedimentos a serem realizados e, portanto, os modos que elas viveram a cultura lúdica nesse contexto.

As brincadeiras realizadas pelas meninas no pátio expressaram certo ‘hibridismo’ entre passado e atualidade, como é possível identificar na seguinte música em que cantores atuais são destacados: “Soco, soco / Lady Gaga / Soco, soco / Beyoncé / Soco, soco / Justin

*Professora Adjunta do Instituto de Educação da FURG.

Bieber / Soco, soco / eu e você”. A esse respeito, Sarmento (2003, p. 55) destaca que “[...] as culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade”.

Grande parte do tempo foi despendido para o preparo da brincadeira, ou seja, as meninas negociavam para decidir quem seria a ‘chefe’, quem se apresentaria em cima ou abaixo na calçada, na frente ou atrás, com ou sem bambolê, etc. Sandy distribuiu os bambolês, organizou a posição das colegas e disse: “cada uma fica em um redondo”. Em cima da calçada estavam posicionadas Alice e Duda, e, abaixo, Sandy, Bruna e Karolina.

Após essa configuração, decidiram que todas deveriam ficar em cima porque era o melhor lugar. Karol sugeriu que algumas meninas ficassem à frente e outras atrás; Sandy concordou com a sugestão, porém Alice achou melhor algumas ficarem na parte mais baixa da calçada. Sandy discordou de Alice, mas Karol lembrou: “A Alice é a chefe, então ela manda e todas tem que obedecer”, e todas obedeceram. De acordo com Borba (2005, p. 123) “[...] o processo coletivo de brincar envolve a coordenação de ideias, papéis significados e ações, exigindo constantes negociações e ajustes pelas crianças, sendo, portanto, passível de rupturas”.

Enquanto Alice e Sandy decidiam o que fazer, as outras meninas brincavam com o bambolê da seguinte forma: 1) Eduarda colocou o bambolê no braço girando-o; 2) Bruna girou o bambolê como se fosse pião; 3) Karol pulou para dentro e para fora do bambolê. Alice observou Karol e entrou dentro do bambolê junto com a colega. As duas saíram correndo como se estivessem dirigindo um carro. As ações listadas relacionam-se com a exploração do bambolê, considerando as diversas possibilidades que a materialidade do objeto permite. Na situação em que as alunas Karol e Alice entraram no bambolê, ele passou a representar um carro. Ações como essas em que a dimensão da fantasia rege a brincadeira, tudo ocorre em um mundo de “faz-de-conta”, em que “[...] o que é verdadeiro e o que é imaginário se confundem estrategicamente para que a brincadeira valha mesmo a pena” (SARMENTO, 2003, p. 62).

Instantes depois, Alice e Karol retornaram da ‘volta de carro’, comunicando que já haviam ‘decidido tudo’. Sandy perguntou qual era a música, e Alice respondeu que era surpresa e, junto com a Karol, arrumou as colegas em diferentes lugares em cima da calçada. As duas ficaram na parte de baixo da calçada, posicionadas na frente para que as colegas as imitassem e cantaram músicas da moda (gênero pagode). Depois que terminaram, Sandy

disse: “Vamos continuar o show? ” Todas concordaram e seguiram ensaiando. As alunas Érica, Bruna e Cintia, aproximaram-se e entraram na brincadeira. Mas as meninas decidiram que Cintia não poderia brincar, e começaram a cantar. Cintia continuou no mesmo lugar e foi se aproximando novamente, quando as meninas perceberam gritaram em coro: “Sai daqui, não é pra tu brincar! ”

A descrição anterior demonstra que as negociações continuaram, sendo que algumas crianças ingressaram na brincadeira e uma menina não foi aceita no grupo. De acordo com Borba (2005, p. 219):

Quando brincam em grupo, as crianças estão constantemente negociando para alcançar compreensão partilhada de significados. Os problemas que surgem nas interações entre elas geram argumentações, alternativas de ações, partilha de objetos, papéis e espaço físico, atitudes de cooperação com vistas a resolver os conflitos e a seguir o fluxo das interações.

A seguir algumas imagens do foi descrito na situação anterior:

Quando terminaram a apresentação, as meninas voltaram a discutir sobre qual seria a próxima música a ser cantada. Enquanto discutiam, perguntei sobre algumas músicas que havia observado em aula. A Karol perguntou se era a do cemitério; respondi que sim e as meninas gritaram “eba, eh, eh, eh, eh”, se abraçaram e formaram pares para cantar. Alice e Karol deram-se as mãos e Alice perguntou: “a gente tem nova, quer ver? ” Começam a cantar uma em frente a outra a música: “Soco, soco/ Lady Gaga...”, descrita anteriormente. As duas meninas cantaram fazendo gestos, enquanto as demais que estavam observando disseram que não era assim, que era diferente da que elas conheciam e começam a discutir para ver quem brincaria junto. Alice e Karol começaram a cantar a seguinte música coreografada: “Fui à praia/Tomar um banho/Passou um garotinho/Do meu tamanho/Pisquei o olho/E ele nem ligou/tirei o maiô/ele desmaiou/Contei pra mamãe, ela nem ligou/Contei pro papai, ele nem ligou/Contei pra vovó, ela vomitou/Contei pro vovô e o chinelo rolou”.

Bruna e Sandy aproximaram-se e Sandy falou: “Agora é a nossa vez”, então Bruna posicionou-se na frente de Karol e as duas começam a cantar outra música. Após o término dessa, Alice, que observava as colegas cantar e dançar, anunciou que estava com sede e perguntou: “Quem quer ir tomar água comigo? ”, e as meninas disseram “eu, eu, eu”, e saíram correndo atrás da colega.

A letra da música apresenta questões de gênero, de sexualidade, dos diversos papéis que são ocupados pelas pessoas na sociedade e das diferentes atribuições que elas têm. A menina que pretende chamar a atenção do menino com um piscar de olhos e, ao perceber que não teve sucesso, parte para algo que suscitaria uma reação desejada, ou seja, tirar a roupa. O menino que desmaia com a situação, um pai e uma mãe que não ligam para o fato e avós que finalmente reagem de forma repreensiva, um com vômito e outro com chinelada.

Assim como a brincadeira começa, motivada por diferentes situações, termina abruptamente ou muda de foco. No caso relatado, o desfecho dá-se com uma pergunta: “Quem quer ir tomar água comigo”.

Considerando essas diferentes manifestações das crianças nos momentos de brincadeiras, Sarmiento (2003, p. 63) ressalta que:

A criança constrói fluxos interactivos numa cadeia potencialmente infinita, onde se estabelecem os rituais, se pratica a cantilena (Corsaro, 1997, p. 128), se enraízam as lengalengas, os refrões, as palavras repetidas dos códigos e das senhas, os vocábulos abracadábricos das soluções mágicas.

Tais rituais realizados pelas crianças em diferentes contextos vão fortificando os laços entre elas. Fazer algo junto, reconhecer o que o outro diz, significar gestos e expressões, propicia que sentimentos de cumplicidade, de pertencimento e de identidade sejam estabelecidos.

Tendo em vista a organização das crianças entre si, entendo que as escolhas em relação a quem brinca com quem, quem imita quem, quem ‘manda’ na brincadeira, mostram que as crianças organizam-se em torno de algum objetivo, de alguma brincadeira, e unem-se para preservar esse momento.

É importante que os professores estejam atentos às brincadeiras das crianças, uma vez que esses momentos revelam aspectos importantes da cultura da infância. Além disso, observar o conteúdo das conversas, das músicas e versos recitados permite adentrar na cultura local e perceber o quanto o mundo adulto e o mundo infantil se entrecruzam e são ressignificados a cada momento.

Referências

BORBA, Ângela Meyer. **Culturas da infância nos espaços - tempos de brincar**. Niterói: UFF, 2005. Tese (Doutorado em Educação), Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, Pelotas, ano 12, n.21, p.51-70, jul/dez. 2003.